

Transforma-se o amador na coisa amada: um soneto de Camões sob a perspectiva da TBS

Becomes the amateur in the beloved thing: one Camões's sonnet from the perspective of TBS

Ana Lúcia Tinoco Cabral

Universidade Cruzeiro do Sul – São Paulo – São Paulo – Brasil

Manoel Francisco Guaranha

Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL/Faculdade de Tecnologia de São Paulo – São Paulo – São Paulo – Brasil



Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o soneto de Luís Vaz de Camões (1524/25-1580) sob a perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) com a finalidade de mostrar que os empregos metafóricos, textos poéticos, podem ser descritos a partir de mecanismos que utilizamos para descrever os empregos não metafóricos, textos não literários, mesmo que esses diferentes empregos realizem estruturas linguísticas diversas; e mostrar que a análise dos aspectos argumentativos dos segmentos de discurso contidos no poema fornecem ao leitor uma orientação para a construção dos sentidos por meio de elementos que permitem compreender o caráter paradoxal contido nele, notadamente pelo uso do “mas”, cuja finalidade é realizar uma negação parcial de uma proposição.

Palavras-chave: Argumentação; Teoria dos Blocos Semânticos; Léxico; Análise linguística

Abstract: This work aims to analyze the Luís Vaz de Camões's sonnet (1524/25-1580) “Transforma-se o amador na coisa amada” [“Becomes the amateur in the beloved thing”] from the perspective of the Theory of Semantic Blocks (TBS) in order to show that the metaphorical linguistic constructions, literary texts, can also be described from ordinary mechanisms of language, as well as with non-metaphorical, non-literary, ones, even though these different uses perform different linguistic structures; and show that the analysis of argumentative aspects of speech segments contained in the poem give the reader a guide to the construction of the senses through elements that allow us to understand the paradoxical nature contained in it, mainly by the use of “but”, whose purpose is perform a partial denial of a proposition.

Keywords: Argumentation; Theory of Semantic Blocks; Lexicon; Linguistic analysis

Introdução

Nossas pesquisas têm como objeto de estudo o fenômeno da argumentação, abordando-o por meio de diferentes correntes teóricas. Entre esses fundamentos, destaca-se, como instrumento para a análise e compreensão de textos das mais diversas esferas da atividade, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), que se presta especialmente à análise do potencial argumentativo dos conteúdos lexicais pressupondo que os sentidos das sequências linguísticas são construídos por meio de encadeamentos argumentativos, ou seja, um “discurso sintaticamente analisável em duas frases que, de um ponto de vista semântico, são interdependentes e exprimem ambas uma única coisa” Carel (2001a, p. 29).

Em trabalhos anteriores utilizamos a TBS na análise de romance (cf. Cabral, 2007), de minicontos (cf. CABRAL, 2010), e de textos produzidos por alunos (cf. Cabral 2009). Neste trabalho aplicamos a TBS para a análise da argumentação no soneto de Camões “Transforma-se o amador na coisa amada”(CAMÕES, 1972, p. 109). Nosso objetivo é, de um lado, confirmar a proposta de Carel (2011) de que os empregos metafóricos, textos poéticos, podem ser descritos a partir de mecanismos que utilizamos para descrever os empregos não metafóricos, textos não literários, mesmo que esses diferentes empregos realizem estruturas linguísticas diversas; e, de outro, mostrar que a análise dos aspectos argumentativos dos segmentos de discurso contidos no poema fornecem ao leitor uma orientação para a construção dos sentidos.

Para cumprir o nosso objetivo, vamos apresentar o soneto; justificar a escolha do gênero por meio de algumas de suas especificidades; apresentar aspectos do quadro teórico da TBS extraindo exemplos, quando possível, do texto; e, por fim, fazer uma análise dele segundo a perspectiva da TBS.

O Soneto e as especificidades do gênero pertinentes à proposta da TBS

Antes de analisar o soneto da perspectiva da TBS, cabem algumas considerações históricas sobre o gênero. O soneto é uma composição poética de origem italiana, sendo que os mais antigos exemplares do gênero de que se tem notícia são do século XIII. Portugal conheceu o soneto por meio do poeta Sá de Miranda (1495-1558), e Luís de Camões (1524/25-1580) notabilizou-se como o maior sonetista da nossa língua.

No que diz respeito às especificidades desse tipo de composição poética, o que nos interessa particularmente neste trabalho é a estrutura fechada que o soneto petrarquiano, modelo adotado por Camões, apresenta: em dois quartetos e dois tercetos, o locutor deve apresentar uma proposição, desenvolvê-la e encerrar com chave de ouro, ou seja, com o conceito fundamental do poema (MOISÉS, 1992, p. 482). Desse modo, ressalta-se o caráter eminentemente argumentativo do gênero e, conseqüentemente, o fato de ser tanto mais elegante e eficiente quanto mais bem articulados forem os enunciados que o compõem. É nesse aspecto que acreditamos que a TBS pode subsidiar a análise do potencial argumentativo dos conteúdos lexicais do soneto a partir da ideia de que os sentidos das sequências linguísticas emanam dos encadeamentos argumentativos dessa forma poética.

Quanto a Luís de Camões, o soneto foi um gênero privilegiado dentro da vasta produção do poeta. Homem renascentista, sua obra é expressão de um contexto em que se anunciavam os novos tempos e que, simultaneamente, vivia-se ainda sob influência do ideário medieval. Daí vem o caráter dual, “bifronte”, segundo Moisés (1972, p. 18), da lírica de Camões, que incorporou formal e tematicamente procedimentos dos dois momentos, da Idade Média e do Renascimento, fundindo-os numa expressão maneirista, quase barroca, como nos revela o texto a seguir.

1. Transforma-se o amador na cousa amada,
2. por virtude do muito imaginar;
3. não tenho logo mais que desejar,
4. pois em mim tenho a parte desejada.

5. Se nela está minha alma transformada,
6. que mais deseja o corpo de alcançar?
7. Em si somente pode descansar,
8. pois consigo tal alma está liada.

9. Mas esta linda e pura semidéia,
 10. que, como o acidente em seu sujeito,
 11. assim co’a alma minha se conforma,

 12. está no pensamento como ideia;
 13. [e] o vivo e puro amor de que sou feito,
 14. como matéria simples busca a forma.
- (CAMÕES, 1972, p. 109)

Uma paráfrase inicial do poema permite que possamos perceber as tensões entre Platonismo e Aristolelismo no texto: numa primeira proposição, que ocupa o quarteto inicial, o locutor diz que o amador transforma-se na coisa amada pela imaginação, pela idealização o que leva a certa anulação do desejo. Essa ideia desenvolve-se no segundo quarteto, já que o liame entre a alma do amador e a coisa amada sobrepõe-se ao aspecto corpóreo, material. Temos aqui ecos das ideias de Platão filtradas pelo Cristianismo nas dicotomias alma/corpo e descanso/desejo.

Num segundo momento, agora nos tercetos, o locutor coloca-se na posição do amador, revela que a “linda e pura semideia” nele se conforma, toma a mesma forma, como o acidente em seu sujeito, ou seja, como o aspecto circunstancial, poderíamos dizer como um adjetivo vinculado a um substantivo. A novidade neste ponto do poema é que se adiciona ao aspecto platônico, estar “no pensamento como ideia”, termos que nos remetem ao perfil aristotélico do amor, já que este sentimento é puro, mas também é vivo, portanto material, e busca a forma enquanto matéria. Matéria e forma são, como se sabe, termos ligados ao Aristolelismo que, em certo sentido, coloca-se num plano mais material do que o Platonismo, perspectiva que se apresentava mais evidente no primeiro trecho do texto.

Esta questão aparece, de modo similar, na abordagem que MEDINA (1988, p. 98) faz do soneto em questão:

O argumento platônico era que a imagem da amada, por ser modelo, por ser imagem ideal (do ‘mundo das ideias’), serve-se da alma do amante como apoio material, em que ela se desenha como uma cópia. O argumento aristotélico, ao contrário, mostra que nem por isso o desejo corporal deixa de ser como uma matéria que busca sua forma. Para Aristóteles, a matéria é o real possível, que só encontra realidade de fato quando consegue sua forma real. A matéria é, então o desejo; a forma é a amada.

Estas considerações preliminares nos permitirão verificar, à luz da TBS, em que medida os encadeamentos argumentativos do soneto não correspondem a transições entre dois julgamentos do locutor conectados por relações lógicas, mas constituem um único julgamento, que é o propósito do enunciado. No enunciado em questão, encontramos a tentativa de conciliação de elementos à

primeira vista inconciliáveis, como são o Platonismo e o Aristotelismo, por exemplo, pelo menos na visão de um homem do século XVI.

O quadro teórico da TBS: argumentação, pressuposição e paradoxo

Conforme já destacamos em textos anteriores (Cabral, 2010), a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) concebe o conteúdo semântico como tendo uma natureza argumentativa; além disso, esse conteúdo tem uma natureza que pode ser de dois tipos: normativa ou transgressiva. Quando a relação existente entre os segmentos do encadeamento argumentativo apresenta a mesma interdependência semântica que os segmentos ligados por “logo” (*donc em francês*), o encadeamento é normativo; quando essa relação representa a mesma interdependência semântica que os segmentos ligados por “entretanto” (*pourtant em francês*) (cf. CAREL, 2001; DUCROT, 2001), ele é transgressivo. Os encadeamentos que realizam a mesma relação, segundo Carel (2001), pertencem a um mesmo aspecto, entendido como a relação que se estabelece entre X e Y, assinalado como $\underline{X LG Y}$, os normativos; ou $\underline{X NE Y}^1$, os transgressivos (cf. CAREL, 2001; DUCROT, 2001). Estes, por sua vez, constituem as duas formas que podem assumir a conexão (CON) de dois segmentos num encadeamento argumentativo. Vale dizer que encadeamentos materialmente diferentes podem realizar o mesmo aspecto, que se encontra prefigurado no significado das palavras. O Bloco Semântico é constituído pelo ponto de vista semântico que os aspectos têm sobre uma palavra, fixando seu sentido.

Ligados ao conceito de Bloco Semântico, encontram-se os conceitos de argumentação interna (AI) e argumentação externa (AE). A argumentação interna de uma expressão linguística, segundo Carel (2011), é aquela cujos aspectos não contêm essa expressão nem no interior de seu antecedente, nem no interior de seu consequente. Já a argumentação externa, apresenta aspectos em que essa mesma expressão figura a título de antecedente ou de consequente. Assim, por exemplo, o item lexical “transformar-se”, presente no segmento do soneto de Camões “Transforma-se o amador na coisa amada”, apresenta em sua AE os aspectos TRANSFORMAR-SE

LG SER COUSA AMADA; TRANSFORMAR-SE NE NEG SER COUSA AMADA; NEG TRANSFORMAR-SE LG NEG SER COUSA AMADA; NEG TRANSFORMAR-SE NE SER COUSA AMADA. A argumentação interna desse segmento não contém “transformar-se” em seu interior, nem admite a conversão. Assim, a AI de “transformar-se na coisa amada” apresenta o seguinte aspecto: SER UMA PESSOA LG PASSAR A SER OUTRA. Lembramos com Cabral (2007, p. 36) que a argumentação “interna está inscrita no significado da palavra e os encadeamentos possíveis são internos a ela; já a argumentação externa contém encadeamentos que prolongam o significado da palavra”. Vale ressaltar, no entanto, que ambas constituem um fenômeno geral, isso quer dizer que as palavras têm uma argumentação interna e uma argumentação externa.

Cabral (2010) apresenta uma breve exposição da Teoria, destacando as diferenças entre argumentação interna e argumentação externa e as relações linguísticas que os encadeamentos correspondentes à argumentação externa de uma palavra têm com ela. Conforme os postulados dos fundadores da Teoria, Cabral (2010) expõe duas diferenças, ligadas entre si: a primeira diz respeito ao conceito de conversão e a segunda à negação.

Segundo os fundadores da TBS, dois aspectos são conversos quando eles têm, respectivamente, a forma $\underline{X CON Y}$ e $\underline{X CON' NEG Y}$, em que CON designa LG ou NE, e CN' designa a outra família de conectores. Tomando $\underline{X CON Y}$, um aspecto ligado a uma determinada expressão, se $\underline{X CON Y}$ pertence à argumentação externa de “E”, então seu converso, $\underline{X CON' NEG Y}$, pertence à argumentação externa de “E”; entretanto, se $\underline{X CON Y}$ pertence à argumentação interna de “E”, então seu converso, $\underline{X CON' NEG Y}$, não pertence à argumentação interna de “E”, ao contrário, pertence à argumentação interna de “não-E”. Os aspectos da argumentação interna de uma expressão “E” não são, portanto, afetados da mesma forma pela negação.

Ducrot e Carel (2008, p. 9) ensinam que um argumento é “uma sequência de dois enunciados ligados por um conector: um desses enunciados é o suporte, o antecedente, o anterior, da conexão; o outro é o aporte, o consequente, o posterior”. Os autores esclarecem ainda que essa função não se define pela posição geográfica. Com respeito à posição geográfica, Carel (2011) distingue argumentação externa direita e argumentação externa esquerda. A argumentação será direita se os encadeamentos a partir da expressão “E” se desenvolvem materialmente à direita de “E”. Inversamente, se os encadeamentos se desenvolvem materialmente à esquerda de “E”, a argumentação será chamada esquerda.

Nessa abordagem teórica, segundo Ducrot (2001), a função da TBS é definir os itens lexicais descreven-

¹ Cumpro esclarecer uma decisão de tradução. Carel e Ducrot utilizam, na TBS, as sentenças $\underline{X DC Y}$ e $\underline{X PT Y}$ para representar os encadeamentos argumentativos. A fim de evitar confusões de leitura, optamos por traduzir essas sentenças por $\underline{X LG Y}$ e $\underline{X NE Y}$, em que as siglas correspondentes aos conectores *donc* e *pourtant* em francês, respectivamente, foram substituídas pela tradução, em português, “logo” LG e “no entanto” NE, respectivamente. O motivo dessa opção de utilizar a sigla traduzida encontra-se na possibilidade de confusão entre o conector *pourtant*, presente na fórmula original da TBS $\underline{X PT Y}$ e cujo sentido é “no entanto”, e o conector “portanto” do português que tem o sentido inverso de *pourtant*.

do-os semanticamente, ou seja, indicar os aspectos que estruturam as suas argumentações interna e externa, evocando os encadeamentos argumentativos que a língua lhes permite, ou seja, indicando o uso que podemos fazer desses encadeamentos e o potencial argumentativo deles. Segundo Ducrot e Carel (2008), descrever o significado de uma expressão é associar-lhe diferentes argumentações que são evocadas por seu emprego.

Os enunciados, segundo a TBS, em vez de ligar julgamentos, têm a característica de atribuir propriedades e elas são argumentativas. Desse ponto de vista, é importante ter claro que, segundo Carel (2011), os encadeamentos argumentativos contidos nos segmentos de discurso não dizem respeito a uma transição entre dois julgamentos do locutor, ligados entre si por algum tipo de relação lógica. Trata-se de um único julgamento, o qual constitui o propósito do enunciado. Assim, por exemplo, no enunciado do texto que analisaremos “Transforma-se o amador na coisa amada// por virtude de muito imaginar”, não temos a imaginação como garantia de o amador transformar-se na coisa amada, mas um julgamento relativo ao amador: transformar-se-devido-imaginar. Trata-se de um predicado de tipo normativo (IMAGINAR LG TRANSFORMAR-SE). Cumpre observar por que não entra nesse predicado o sujeito amador: de acordo com Carel (2011, p. 37), os predicados normativos são independentes dos indivíduos e de seus nomes. Eles dizem respeito a uma maneira de dizer, e não de ser. Esses encadeamentos apenas marcam a possibilidade linguística de produzir as propriedades graças às quais falamos do mundo (Carel, 2011, p. 39).

Considerando as propriedades dos predicados normativos, é necessário dizer que eles constituem julgamentos elementares, isto é, os predicados argumentativos são aqueles que atribuem uma única propriedade aos enunciados, isso quer dizer que, conforme postulam Carel e Ducrot (2009), os conectores marcam não a associação de duas noções independentes, mas a interdependência semântica de duas expressões, em que uma significa através da outra. Os enunciados são, portanto, parafraseáveis; com efeito a parafrase está prefigurada no significado mesmo dos elementos lexicais da língua. Desse ponto de vista, concordamos com Carel (2011, p. 82), que o significado de uma palavra prefigura certos (mas não quaisquer) encadeamentos argumentativos evocados pelos enunciados nos quais essa palavra intervém semanticamente.

Entretanto, é importante lembrar que nem sempre se trata de significação apenas das palavras; é possível que os encadeamentos evoquem um sentido novo, não especificamente ligado ao significado da palavra em si, mas possível de surgir devido ao nível sintagmático que combina significados construindo predicados a partir dos

encadeamentos evocados que intervêm semanticamente nos enunciados que os evocam. O que distingue as palavras dos enunciados é que as palavras fazem alusão apenas a aspectos argumentativos, enquanto os enunciados fazem alusão simultaneamente a aspectos argumentativos e a discursos argumentativos; os enunciados têm, segundo Carel (2011), duas funções: exprimir aspectos e evocar encadeamentos. Ao associar os encadeamentos aos enunciados, a autora faz referência ao emprego das expressões e palavras, ao seu uso, portanto, em situações efetivas de discurso, remetendo-nos ao emprego da expressão linguística inserida em determinado contexto. É importante também destacar que, ao afirmar que as argumentações são evocadas pelo emprego das expressões linguísticas, a autora ressalta que estas não necessitam ser materialmente idênticas. Segundo lembra Carel (2010), a TBS utiliza os aspectos argumentativos para descrever os termos plenos e os encadeamentos argumentativos para descrever os enunciados. Desse ponto de vista teórico, a palavra *criativo* apresentará o aspecto normativo IMAGINAÇÃO LG TRANSFORMA COISAS, enquanto o enunciado *O amador foi criativo* será descrito pelo encadeamento *o amador imaginou logo transformou-se na coisa amada*.

O estatuto do *mas* na TBS

Carel (2010) utiliza, ainda, a distinção entre significação de termo e significação de enunciado para descrever o papel argumentativo de *mas*. Nesse sentido, propõe-se a mostrar que o emprego argumentativo de *mas* não liga dois enunciados, ou dois julgamentos conforme propõe a tradição gramatical. A autora defende que, na realidade, tratam-se de dois elementos ligados, os quais possuem papeis diferentes. Ela defende que o *mas* tem por função construir uma negação parcial, fazendo um triângulo no interior da significação de um dos segmentos que ele liga e marcando que o locutor exclui determinada parte de seu sentido e afirma outra. Assim, no segmento retirado do poema que constitui nosso *corpus*, destacamos:

- A – Transforma-se o amador na coisa amada, por virtude do muito imaginar
- B – Mas esta linda e pura semidéia, como matéria simples busca a forma.

Nos segmentos destacados não há uma escolha entre A (transforma-se na coisa amada por muito imaginar) e B (busca a forma). O que acontece é que B (busca a forma), de acordo com os postulados de Carel (2010), constitui o elemento utilizado para negar A.

Essa postura teórica deriva do fato de que “para a TBS cada discurso normativo ou transgressivo constitui

um julgamento único” (CAREL, 2010, p. 20), do qual as partículas *logo* ou *no entanto* determinam o predicado e podem ser expressos por uma variedade de conectores cujos estatutos é o mesmo que de *logo* (*então, se, porque, portanto, como, já que*) ou de *no entanto* (*entretanto, embora*). Elas correspondem a conectores que participam da determinação de predicados utilizados pelos locutores dos enunciados. Esse não é, entretanto, o caso de *mas*, que não figura na lista dos elementos correspondentes a *no entanto*, não fazendo, para Carel (2010), parte dos articuladores.

Para explicar o estatuto de *mas*, Carel (2010) recorre à noção de atitude enunciativa postulada por Ducrot. De acordo com o teórico, o locutor pode assumir três atitudes enunciativas: duas afirmativas, o acordo e a responsabilidade; e uma atitude negativa. Um conteúdo para o qual o locutor tem acordo, é um conteúdo que ele aceita, mas ele pode transmitir um conteúdo sem aceitá-lo. Carel defende ser impossível aceitar ou estar de acordo com ou excluir um conteúdo sem ao mesmo tempo aceitar outro. Isso quer dizer que, para a autora, os acordos e as exclusões são sempre enunciativas e implicam uma responsabilidade. Desse ponto de vista, admite-se que *“une expression est partiellement niée lorsqu’une partie de sa signification est exclue et que le reste (ou même une partie du reste) est accepté par le locuteur”* (CAREL, 2010, p. 22)². A autora defende que todo emprego argumentativo de *mas* realiza uma negação parcial.

O Soneto sob a perspectiva da TBS: a construção do paradoxo

Tendo delimitado os conceitos da TBS que fundamentam nossas análises, passamos, neste ponto, a utilizá-los para uma leitura do soneto “Transforma-se o amador na coisa amada” em busca de destacar as argumentações internas e externas dos encadeamentos; as diferentes perspectivas que essas argumentações sugerem do ponto de vista micro e macroscópico, ou seja, no interior dos versos e entre as duas partes em que o soneto se divide: os quartetos e os tercetos.

No primeiro quarteto, temos que “Transforma-se o amador na coisa amada/Por virtude do muito imaginar// não tenho logo mais que desejar,/pois em mim tenho a parte desejada”.

Vamos observar que o aspecto contido na argumentação externa transformar-se na coisa amada é normativo: AE MUITO IMAGINAR LG TRANSFORMAR-SE NA COISA AMADA. A AI de transformar-se na coisa amada contém o aspecto normativo IDEALIZAÇÃO

LG SATISFAÇÃO. Do mesmo modo, na AE de não ter mais que desejar, encontramos o aspecto normativo: TRANSFORMAR-SE NA COISA AMADA LG NÃO TER MAIS QUE DESEJAR. A argumentação interna, neste caso, seria IDENTIFICAÇÃO LG SATISFAÇÃO. Também podemos isolar outro encadeamento normativo da argumentação em TENHO EM MIM A PARTE DESEJADA LG NÃO TENHO MAIS QUE DESEJAR. Aqui podemos identificar a argumentação interna como POSSE LG SATISFAÇÃO.

Se fizermos o cruzamento entre as argumentações internas dos encadementos isolados no primeiro quarteto, podemos ter, na argumentação externa desses encadeamentos, os seguintes aspectos apresentados nas Figuras 1, 2 e 3:

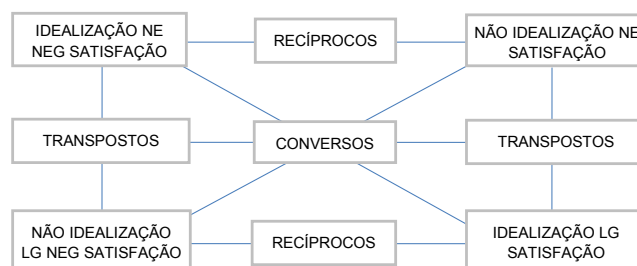


Figura 1

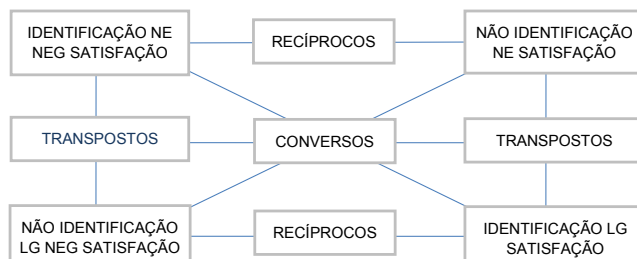


Figura 2

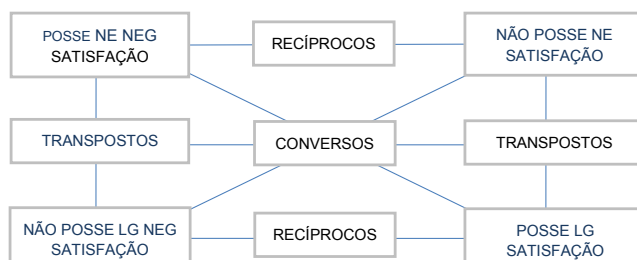


Figura 3

Observa-se que, nos três casos, idealização, identificação e posse geram satisfação. O converso disso seria idealizar, identificar-se ou ter posse e não ter satisfação, uma espécie de indiferença pela coisa idealizada. Nesse primeiro momento, o locutor encontra-se satisfeito e podemos pensar que a satisfação plena advém dos elementos que a possibilitam, pois a satisfação sem

² Uma expressão é parcialmente negada quando parte de sua significação é excluída e o resto (ou mesmo uma parte do resto) é aceito pelo locutor. (Tradução dos autores).

idealização ou identificação ou posse não seria possível, segundo a perspectiva do locutor. Identifica-se, ainda, uma espécie de percurso argumentativo em direção à realização, percurso esse que vai da idealização, passa pela identificação e termina com a posse. Nesse momento, estamos considerando a posse propiciada pela identificação. Essa identificação decorre, por sua vez, da capacidade do locutor de muito imaginar.

No segundo quarteto, encontramos uma estrutura redundante, ou seja, duas cadeias de enunciados que têm significados parecidos. Na primeira, o locutor faz uma pergunta retórica ao leitor (“Se nela está minha alma transformada, que mais deseja o corpo de alcançar?”) à qual ele mesmo dá a resposta (“Em si somente pode descansar,/ pois consigo tal alma está liada”). Mais adiante, retomaremos a consideração sobre o caráter retórico dessa pergunta. Agora, vamos observar que o aspecto contido na argumentação alma transformada nela [na coisa amada] é normativo: ALMA TRANSFORMADA NELA LG MÁXIMO QUE SE PODE ALCANÇAR. A argumentação interna da expressão “alma transformada nela” contém o aspecto normativo: UNIFORMIDADE LG PRÊMIO. Do mesmo modo, na argumentação de alma liada consigo, ou seja, com a amada, encontramos o aspecto normativo: ALMA LIADA CONSIGO LG EM SI SOMENTE POSSO DESCANSAR. A argumentação interna, neste caso, é IDENTIFICAÇÃO LG DESCANSO.

Se fizermos o cruzamento entre as argumentações internas dos encadementos isolados no segundo quarteto, podemos ter, na argumentação externa, os seguintes aspectos apresentados nas Figuras 4 e 5:

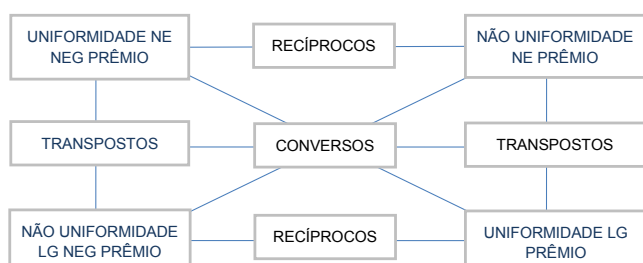


Figura 4

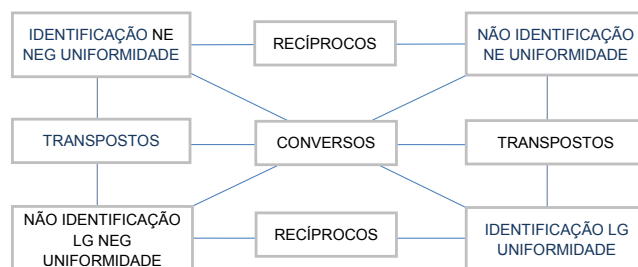


Figura 6

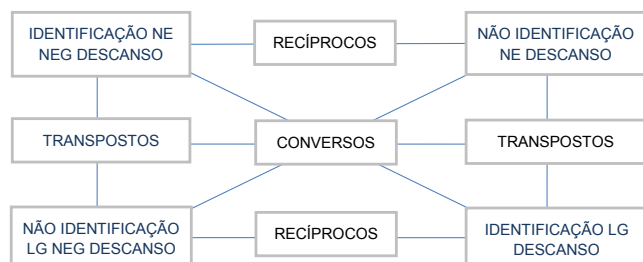


Figura 5

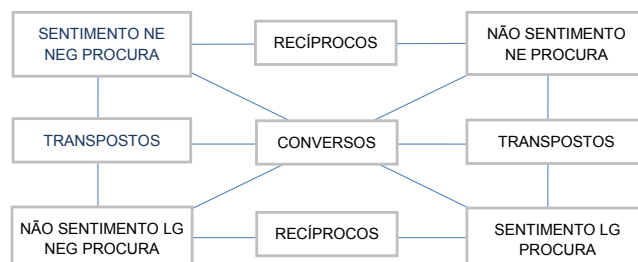


Figura 7

Observa-se que, nos dois casos, uniformidade e identificação correspondem a prêmio e descanso. O converso disso seria ter uniformidade ou identificação e não ter prêmio ou descanso. Também nesse ponto do texto é possível perceber que a uniformidade e a identificação constituem uma espécie de percurso que leva o locutor ao descanso, concebido como um prêmio: o máximo que o corpo pode alcançar. Aqui temos que essa plenitude do locutor está associada apenas à idealização.

Os dois últimos tercetos do poema instauram uma relação transgressiva com os demais encadementos argumentativos analisados, pois se iniciam com *mas*. Antes porém de analisar a estrutura como um bloco, vamos considerar os dois últimos versos do ponto de vista da sua organização própria e, num segundo momento, do ponto de vista da sua articulação com os segmentos precedentes, os dois quartetos.

Parafraseando os dois tercetos, percebemos que, no primeiro deles, o enunciador diz que a amada é linda e pura e se conforma, adquire a mesma forma da alma dele, enquanto está no pensamento como ideia, ou seja, no plano abstrato: ACIDENTE EM SEU SUJEITO LG COM A ALMA MINHA SE CONFORMA. Aqui encontramos o aspecto normativo IDENTIFICAÇÃO LG UNIFORMIDADE (Figura 6).

No segundo terceto, o locutor afirma que o amor vivo e puro de que se compõe, sua vontade por assim dizer, fazem-no buscar a forma, ou seja, a concretização desse amor no plano da realidade: amor VIVO E PURO LG BUCAR A FORMA. Aqui encontramos o aspecto normativo SENTIMENTO LG PROCURA (Figura 7).

Considerando que os segmentos destacados nas Figuras 1 a 5, correspondentes aos dois quartetos, estão articulados aos destacados nas Figuras 6 e 7 por meio do *mas* que abre o primeiro verso do primeiro terceto, “Mas esta pura e linda semidéia”, podemos considerar que o emprego argumentativo do *mas* no soneto tem por finalidade ligar dois segmentos com papéis diferentes e construir a negação parcial dos quartetos iniciais abrindo possibilidade para uma terceira perspectiva: não se trata de um amor ideal, que se concretiza no plano da imaginação, ou material, que se dá pela posse da coisa amada. É um amor, simultaneamente, material e espiritual: “vivo e puro”.

Considerações finais

À luz da TBS podemos perceber que há uma negação parcial da significação do amor espiritual pelo locutor e uma ênfase no amor carnal visto que, sem a figura de um amador, figura ativa e que dá sentido à coisa amada, figura passiva, esta não ganharia a forma de amada. Esta observação ganha coerência considerando que a) existe, nos primeiros segmentos correspondentes aos quartetos, o “amador”, ativo portanto, aquele que ama; e a “amada”, adjetivo para o substantivo “coisa” e, nesse sentido, circunstancial, acidental (acidente do sujeito); b) nos segmentos que compõem os tercetos, não há o simples desaparecimento do ideal, mas a sua convivência com o plano real, a busca pela forma, a procura do sujeito e que esses dois momentos estão articulados por *e* sugerindo-se que convivem simultaneamente.

Percebemos claramente aquilo que destacamos na fundamentação teórica como um dos pressupostos da TBS: os conectores não marcam a associação de duas noções independentes, mas a interdependência semântica de duas expressões, em que uma significa através da outra. No caso do soneto em questão, o amor ideal não se opõe àquele que busca realização, mas só ganha significado por meio dele e o amor que busca realização, por sua vez, só consegue fazê-lo porque pauta-se pela idealidade, pelo muito imaginar. Nesse sentido, posse e procura, satisfação e insatisfação, imaginação e desejo são duas faces da mesma moeda, elementos díspares que convivem em uma realidade que não se explica de modo racional: o sentimento amoroso.

Referências

- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. A história do amor de Fernando e Isaura: a direção argumentativa evidenciada pelos blocos semânticos. In: MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). *Discurso e memória em Ariano Suassuna*. São Paulo: Paulistana, 2007. p. 31-50.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. L'emploi de *portanto* (*donc*) dans des textes écrits en portugais du Brésil. In: ATAYAN, Vahram; PIRAZZINI, Daniela (Éds.). *Argumentation: théorie – langue – discours*. Actes de la section Argumentation du XXX Congrès des Romanistes Allemands, Vienne, septembre 2007. Peter Lang Verlag, 2009. p. 223-234.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAMÕES, Luís de. *Lírica – seleção, introdução e notas de Massaud Moisés*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. *Langue française*, Paris, n. 123, p. 27-40, 1999.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Argumentation interne et argumentation externe au lexique: des propriétés différentes. *Langages*, Paris, n. 142, p. 10-21, 2001.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa. *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, n. 8, p. 7-32, 2001a.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. La Particule *mais* est-elle une conjonction? *Verbum: revue de linguistique*, Nancy, n. 1, p. 13-29, 2010.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *L'Entrelacement argumentatif lexique, discours et blocs sémantiques*. Paris: Honoré Champion, 2011.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Mise au point sur la polyphonie. In: *Langue française*, Paris, n. 164, p. 33-43, 2009.
- DUCROT, Oswald. Critères Argumentatifs et Analyse Lexicale. *Langages*, Paris, n. 142, p. 22-40, 2001.
- DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan.-mar. 2008.
- MEDINA, Antonio Rodrigues. *Roteiro de leitura: sonetos de Luís Vaz de Camões*. São Paulo: Ática, 1988.
- MOISÉS, Massaud. Introdução. CAMÕES, Luís de. *Lírica – seleção, introdução e notas de Massaud Moisés*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 9-37.

Recebido: 30 de novembro de 2014
 Aprovado: 12 de janeiro de 2015
 Contatos: m-guaranha@uol.com.br
 altinococabral@gmail.com